

DA ILUSÃO À UTOPIA: Psicologia da religião e do amadurecimento humano em Winnicott

**Terapeuta e professora de
psicologia da religião no
ITESP.*

Eliana Massih

Resumo:

Eliana Massih elabora uma reflexão sobre a essência psicológica da vocação sacerdotal – ter cuidado por – e para tanto lança mão da rede de conceitos de Winnicott. Depois de elaborar a biografia de Winnicott e relacioná-la com as suas principais idéias, Massih desenvolve os seus conceitos mais importantes: transicionalidade, cuidado, concerning, confiança ou acreditar em etc. Num momento ulterior, apresenta as possíveis etapas de amadurecimento, a partir desta teoria e como elas se relacionam com a vida adulta do ser humano. Por fim, deduz algumas conclusões para a vida psicológica do sacerdote.

Palavras-chave: Winnicott: conceitos; Winnicott: Amadurecimento; Psicologia da Religião: Winnicott

Abstract:

Massih in her essay looks for the deep level of the psychological dimensions of the priestly vocation – to take care of – using the net of winnicottian concepts. She starts with some traits of Winnicott biography in relationship to his main ideas. Massih presents some of the main concepts like transitionality, care, concerning, trust or believe, handling and so on. Going beyond this, she makes a schedule of some of the main moments in the human psychological development, having in mind this theory, and how these psychological steps are in deep relationship with

the adult psychological life of the human being. As a last step, she draws as a conclusion some insights for the psychological life of priesthood.

Key-words: Winnicott: concepts; Winnicott: psychological development; Psychology to Religion: Winnicott

INTRODUÇÃO

O presente texto pretende enfocar o amadurecimento humano a partir da dependência estrita que mantemos com o ambiente materno inicial e seus desdobramentos ao longo da vida. A pergunta e o estímulo para esta reflexão foi a tentativa de compreender como nós humanos passamos da fusão ilusional com a mãe e, passo a passo, atingimos o estado de fé e esperança na vida, em Deus, no futuro, no ainda-não. Ainda-não este que nos coloca em busca do que nos transcende e ao mesmo tempo é o mais próprio e próximo do humano: a questão do sentido.

Mais especificamente, pretendemos aprofundar a compreensão do itinerário percorrido pelas pessoas chamadas ao sacerdócio, conectando a experiência clínica com os estudos ligados à formação para a vida religiosa. Onde tudo começa? Quais são as raízes psicológicas da vocação para o cuidar?

Para falar do amadurecimento humano e suas aplicações para a compreensão da vocação para o cuidar, o autor escolhido é Donald Woods Winnicott,¹ que encara a vida como um espaço/tempo que vai do ainda não ter nascido até o momento da morte, com todas as vicissitudes e alegrias inerentes a este estado. Winnicott teve formação religiosa mas não é este o foco de suas pesquisas. No entanto, seu modo de abordar a realidade estimulou e estimula vários autores da Psicologia da Religião, disciplina que se complexifica a cada dia e nos pede delimitações e aprofundamentos.²

Estes pesquisadores encontraram em Winnicott bases para integrar a *concretude* da vida com o intangível da experiência religiosa genuína. Experiência que nos leva ao desejo e encontro de Deus.³

E ainda, a importância que Winnicott dá ao ambiente como agente facilitador para o amadurecimento, abre-nos portas para o trabalho de formação de sacerdotes e agentes pastorais na difícil e instigante tarefa de formar pessoas implicadas com a ética do cuidar e sonhar com um mundo melhor.

1. DADOS BIOGRÁFICOS DE DONALD WOODS WINNICOTT

Winnicott (1896-1971), médico pediatra e psicanalista inglês, viveu e praticou psicoterapia de orientação psicanalítica por cerca

¹ Na Introdução de sua obra, Elsa Oliveira Dias, uma profunda conhecedora da obra de Winnicott, faz comentários sobre os usos da teoria e alerta para a fidelidade aos conceitos teóricos, única forma científica de fazer desdobramentos e novas aplicações. Cf. E. O. DIAS, *A Teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott*. Rio de Janeiro, Imago, 2003, p. 29.

² É importante explicitar logo no início a delimitação que Edenio Valle faz para quem deseja aprofundar-se no estudo desta disciplina. Em palestra proferida na UESP diz: *Ao psicólogo compete é investigar como alguém chega à fé, passando por sucessivos estágios de amadurecimento que se associam ao todo do processo evolutivo, incluída a sua dimensão religiosa. Particularmente a opinião de Fowler [1992] para quem o objeto da psicologia não é nem pode ser meramente o da reflexão sobre afetividade e sexualidade. O conceito de fé e de estágios da fé usado por este psicólogo e teólogo protestante implica em uma observação sistemática da dinâmica de todo o arco evolutivo (tanto biopsíquico quanto existencial) da maturação humana que, inexoravelmente abrange a fé, algo a ser cuidadosamente distinguido da crença religiosa na qual a pessoa cresce, funda seus conceitos e molda sua visão de mundo e de Deus. Por essa razão, a fé deve ser vista como a experiência mais totalizadora do homem, como a categoria mais fundamental na busca humana de relacionamento com a transcendência.* Cf. J. E. VALLE, *Sexualidade e experiência religiosa*. Em *REVISTA DA UESP*, 2006.

³ Juan Droguett nos ajuda a compreender a posição de Freud em relação ao fenômeno religioso que seria originado no inconsciente e, portanto, na esfera dos desejos e do ininteligível.

vel. Este é o ponto de partida das discussões entre Freud e Pfister que culminaram com a publicação dos ensaios de Freud *O futuro de uma ilusão* em 1927 e de *A ilusão de um futuro* de Pfister em 1928. Cf. J. DROGUETT, Diálogo epistolar: Freud e Pfister, correlato sensível de realidades ininteligíveis. In WONDRAČEK, K. H. K. (Ed.), *O Futuro e a ilusão: Um embate com Freud sobre psicanálise e religião*. Petrópolis, Vozes, 2003 p. 201-208

de 30 anos nas décadas de 50 a 70. A formação médica e as experiências concretas com as doenças que acometem as crianças, permitiram-lhe compreender a ligação corpo e psique e organizar um procedimento peculiar para dar acompanhamento a pais e crianças através de consultas terapêuticas, termo cunhado por ele que sabia o quanto uma consulta ou orientação podem ser não terapêuticas.

Ele desejava que seus pacientes, as crianças, sássem da consulta bem assessorados no sentido de seus pais saberem lidar com a dependência que tinham dos mesmos. Melhor dizendo, que os pais compreendessem que seu comportamento e atitudes determinam o modo como a vida das crianças será mais ou menos saudável. E ainda, que a compreensão dos processos de amadurecimento é mais importante que a prescrição de medicamentos e/ou psicoterapia.

Parece ser esta a base de todos os seus estudos: a tomada de consciência de algo que todos nós sabemos, ou seja, a dependência dos humanos nas fases iniciais da vida e a impossibilidade de ser totalmente independentes mesmo nas fases mais avançadas. Somos seres de interdependência por natureza e necessitamos de algo ainda maior para nos constituir: o sentido, a busca de Deus, de um ideal. Somos seres de utopia.⁴

Ao longo de sua carreira utilizou-se também de palestras transmitidas pela BBC de Londres, o que dava um estendido alcance para a transmissão de suas idéias.

Winnicott confirma assim seu desejo de algo maior do que atender poucas pessoas ao longo de uma carreira. Contabilizou que um psicanalista atende cerca de 70 pessoas ao longo da vida, o que é número insignificante em relação ao tempo necessário para sua formação. O período de formação do sacerdote – igualmente grande – fez-me pensar na importância de compreender o autor e obter do mesmo as bases para um bom atendimento pastoral com as grandes limitações impostas a esta tarefa por parte do clero.

Para Winnicott, o amadurecimento humano se estende por todas as etapas da vida e nunca leva à maturidade total. Somos seres de relação, dependentes de outros seres que se igualam a nós nas buscas e carências. Estamos voltados para um futuro que desconhecemos mas que se desdobra em motivação para dar continuidade à caminhada.

Winnicott nunca falou propriamente de Religião mas ele próprio recebeu formação cristã sendo membro da Igreja Metodista. Chegou a dar uma importante palestra sobre quando ensinar moral para as crianças e reitera nesta ocasião que as bases do conceito de *acreditar em (to believe in)*⁵ se alicerçam na confiança que o bebê deposita na mãe e no ambiente que dele cui-

⁴ Cf. *Dicionário de Espiritualidade*. São Paulo, Paulus, 1989, pp. 1158-1163.

⁵ Cf. D. W. WINNICOTT, Ambiente e processo de maturação. Em D. W. WINNICOTT, *Natureza Humana*. Porto Alegre, Artmed, 1990, pp. 88-100. Trata-se da palestra sobre moral e educação, proferida em 1963.

da nas fases iniciais da vida. Mostra ainda a inutilidade de se ensinar moral antes que as crianças estejam de fato preparadas para sentir preocupação genuína com o outro (*concerning*).

As expressões em inglês visam uma melhor compreensão do universo lingüístico do autor que, apesar de sua erudição, optou sempre por falar em linguagem coloquial para ser mais compreendido pelas mães e pais que acompanhavam suas palestras. Há nisto uma crítica à psicanálise tradicional com seu linguajar técnico e, naquele momento, inacessível a um público maior.

2. WINNICOTT: ALGUNS CONCEITOS BÁSICOS

Certas expressões utilizadas por Winnicott tornaram-se correntes no universo dos cuidadores e mostram algo da teoria do amadurecimento, que foi sendo construída ao longo da vida profissional e sempre ligada às suas experiências pessoais. Foi discípulo direto de Melanie Klein – uma das grandes teóricas em Psicanálise de crianças – de quem passa a discordar em pontos considerados fundamentais. Não concordava também com certas idéias de Freud e foi modificando a conceituação de alguns termos como pulsão. Para Freud eram as pulsões que faziam o ser humano ir se desenvolvendo. Winnicott, um adepto da psicanálise das relações objetuais ou objetais, entendia que o ser humano se desenvolve a partir dos vínculos que estabelece com o mundo, com os objetos (o *tu* em outra linguagem), com o ambiente que o circunda e que dele cuida.

É muito diferente da idéia de que o desenvolvimento se daria de qualquer modo, mais assemelhado à idéia de instinto, comum na biologia. Nós humanos temos condição biológica mas transcendemos nas primeiras etapas da vida, ocasião em que estabelecemos vínculos significativos com as pessoas que nos rodeiam.

Quando Freud fala em pulsão está falando de *Trieb* (em Alemão) ou *Drive* (em Inglês). *Instinct* é palavra para instintos e vem da biologia. É por isso que nas traduções da obra de Freud se fala em pulsão para a vida (*eros*) e pulsão para a morte (*thantos*). Winnicott fala em pulsão para o movimento quando diz que os bebês têm necessidade de se movimentar para começar a ser no mundo. Diz ainda que precisam chutar ou bater para encontrar obstáculos e assim se diferenciarem do outro de modo corpóreo: se chuto e encontro resistência então existe algo que não sou eu e que é o outro. A agressividade ou ódio se instalariam depois e não como algo natural da natureza humana. A motivação inicial seria a necessidade de movimento.

O bebê humano precisa também de colo, contenção, continência, manejo adequado (*holding and handling*)⁶ para crescer seguro e feliz, confiante no mundo que dele cuida.

⁶ Cf D. W. WINNICOTT, *Ambiente e processo de maturação*, op. cit., p. 44 et passim.

Igualmente precisa de uma certa liberdade para experimentar-se, saber-se autor, poder ser espontâneo. Nesse sentido é que Winnicott fala de um ambiente facilitador que o ajude a desenvolver seus potenciais e ir constituindo seu si mesmo (*self*) de modo natural.⁷

⁷ Elsa Dias refere-se a um *si mesmo* instrumental que possibilita a constituição do *si-mesmo-total* que inclui o verdadeiro e o falso *si-mesmo*. Cf. E. O. DIAS, *A Teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott*, op. cit., p. 255.

⁸ O conceito de *self* e de falso *self* está presente ao longo de toda obra de Winnicott. Em 1960, em artigo sobre teoria e técnica de atendimento na clínica, ele define com clareza a constituição do *self* em sua conexão com a devoção da mãe ao bebê. Cf. D. W. WINNICOTT, *Ambiente e processo de maturação*, op. cit., pp. 128-139

⁹ Em suas palavras: *Uma experiência ambiental corretiva não cura diretamente o paciente mais do que um mau ambiente causa a estrutura da doença*. Cf. D. W. WINNICOTT, *Da Pediatría à Psicanálise*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1978, p. 227; veja-se também E. MASSIH, *O agir terapêutico: Um modo possível de cuidar*. São Paulo, Cortez, 2000, p. 85.

Fala em falso *self*⁸ ao referir-se às falhas no cuidado materno, ao condicionamento ou invasões do ambiente que levam a distorções no percurso natural do desenvolvimento e a modos defensivos de funcionamento que visam proteger o verdadeiro *self* que ficaria aguardando o momento propício de manifestar-se com menos risco de traumas. Estas situações é que vão constituindo o caráter da criança em formação e se as defesas forem excessivas, o verdadeiro *self* – precariamente escorado – ficaria lesado, causando certos distúrbios do comportamento. Nestes casos a psicoterapia é indicada e nem sempre se obtém resultados reparadores dos danos causados.⁹

O *si-mesmo-total* contém todas as possibilidades do ser humano ainda não atualizadas e depende de um bom ambiente favorecedor para se desenvolver. O conceito de mãe também se amplia para o de um ambiente suficientemente bom (*good enough*) que forneça as condições para este desenvolvimento. Assim a mãe/ambiente deve ser suficientemente boa e não exageradamente boa, o que seria igualmente prejudicial. Por mãe ambiente se entende tudo o que circunda o bebê, dele cuidando e o influenciando para que cresça feliz e esperançoso.

O que Winnicott chama de eu (*I, me, myself*) é a parte do *si-mesmo-total* que por volta dos 12 ou 13 meses se separa da mãe e diz: *eu sou... eu quero*. Nesse momento, e se tudo correu bem, o ainda infante (*in-fans*, aquele que não fala) aponta para si mesmo e esboça as primeiras palavras. Parece que bem próximo da fala vem a consciência de ser ele mesmo, diferente de qualquer outro ser. Ainda não há uma perfeita diferenciação mas a criança pode já demonstrar que quer a chupeta ou o colo do pai ou da mãe ou de quem dele cuida, mostrando que se vê como um ser separado (início da compreensão da solidão essencial). Com o desenvolvimento do eu é que nós humanos passamos a fazer o que somos capazes de fazer e nos referir a nós mesmos em primeira pessoa. Mas são apenas os primeiros indícios de autodelimitação. Há pessoas que passam a vida desconhecendo-se ou escorando-se em outras pessoas, ou mesmo nas instituições, apesar de terem aparência de adultos. Nesses casos ainda não se pode falar em alteridade devido a fusão em que se encontram.

Mesmo uma criança de dois anos que saiba pedir chupeta ou pedir um pedaço de bolo pode não ser capaz ainda de controlar seus esfíncteres, o que pode causar mal estar, vergonha,

autocensura. Talvez por isto, Winnicott desenvolve o conceito de continuidade nos cuidados, o que ajuda a suportar as descontinuidades inerentes ao existir. O amadurecimento não se dá de modo linear e funções fisiológicas antecedem às intelectuais ou vice-versa.

O que Winnicott chama de *ego* é a parte (ou fatia) da personalidade total (*self*) que tem como função integrar numa unidade os vários aspectos da personalidade. Aqui já podemos falar das experiências religiosas que, se não forem integradas ao *self*, funcionam de modo cindido, doentio, gerando fanatismos, manias e idéias obsessivas de culpabilidade, comportamentos compulsivos, delírios de grandeza etc.

Conceito crucial, base para toda sua teoria é algo absolutamente próprio do humano: o *brincar*. Brincar está na esfera da ilusão e Winnicott ensina, ao contrário de Freud, que devemos embarcar nela e viver a plenitude desta realidade tão peculiar. Brincar é um modo e um lugar para estar no mundo.¹⁰

2.1. A transicionalidade

Diretamente ligada ao brincar está a área dos fenômenos transicionais. Até o momento em que uma criança elege um brinquedo muita coisa se passou no seu incipiente sistema nervoso. Cabe à mãe-ambiente ajudar o *self* primário ir se organizando e constituindo um ego que integra o eu, o outro internalizado, os fatores somáticos, as primeiras experiências de sagrado, as emoções incluídas nas experiências e a representação das mesmas no intelecto.

Por isso é que se fala de psicossoma¹¹ pois não há corpo sem representações afetivas. As experiências corpóreas repercutem e se integram na corporeidade (corpo *plus* afetos) a partir das respostas do sistema Nervoso Reptiliano associado ao Sistema Nervoso Límbico e, posteriormente, levando às representações mentais (Sistema Nervoso Cortical).¹²

Winnicott não chegou a utilizar esta nomenclatura vinda da Neurologia, mesmo sendo médico. Estava mais ocupado das nuances experienciais e existenciais, tendo compreendido a simbolização quando criou o conceito de objeto transicional, talvez o mais central de sua obra e gerador da maior variedade de discussões e desdobramentos. Para Safra o objeto transicional ocorre na terceira área da experiência humana, não se tratando de uma experiência interna ou externa mas sim de uma experiência que se dá na esfera da ilusão, campo privilegiado de um determinado sentido de realidade. Nas suas palavras:

À medida em que a criança vive a separação de sua mãe, apropria-se de um pedaço sensorial do mundo e o recria

¹⁰ Cf E. O. DIAS, *A Teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott*, op. cit., p. 265. A autora refere-se ali à capacidade de brincar como subsídio para a capacidade de trabalhar.

¹¹ A psiquiatra Eloisa Celeri fala da transicionalidade como um espaço que pode ser desértico mas que pode ligar simbolicamente mãe e bebê (a partir do cuidado/devoção da mãe) ou, posteriormente, ligar o *si-mesmo* ao mundo, preenchendo-o com produtos da imaginação, como as artes, a filosofia e o sentimento religioso. Tudo isto permite que a unidade corpo e psique (psicossoma) experimente um viver criativo, condição indispensável para a aceitação da realidade. Cf. E. CELERI, Winnicott: Os sentidos da realidade. Em *VIVER MENTE & CEREBRO*; WINNICOTT, 2005, pp. 28-39.

¹² Embora a descrição anatômica dos três cérebros seja bem antiga, foi Paul MacLean quem as definiu do ponto de vista fisiológico. Cf. P. MACLEAN, *The Triune Brain: Emotions and Scientific Bias*. In SCHMITT, F. O. (Ed.), *The Neuroscience: The Second Study Program*. New York, Rockefeller University Press, 1970. Para uma visão resumida e de fácil acesso consultar E. VALLE, *Neurociências e religião: Interfaces*. Em REVER PUC-SP, 2006. Temos ainda, E. G. D'AQUILI - NEWBERG, A. B., *Religious and Mystical States*. Em *Zygon*, 28, 1993, pp. 177-200; E. G. D'AQUILI - NEWBERG, A. B., *The Mystical Mind. Probing the Biology of Religious Experience*. Minneapolis, Fortress Press, 1999.

*com sua sensibilidade. O pano, o brinquedo, ou a coisa adquire uma nova posição no mundo. Assim, a fralda ou ursinho escolhido pelo bebê como objeto transicional deixa de ser um objeto que foi utilizado pela mãe no cuidado com ele para ser o papinho, o cheirinho. A criança gera um objeto que a auxilia rumo a sua realidade compartilhada.*¹³

¹³ Gilberto Safra apresenta uma compreensão da transicionalidade como o caminho para a religiosidade. Cf. G. SAFRA, Sacralidade e fenômenos transicionais: visão winnicottiana. In MASSIMI, M. – MAHFOUD, M. (Eds.), *Diante do mistério*. Psicologia e senso religioso. São Paulo, Loyola, 1999, pp. 277-298.

O objeto transicional fala do paradoxo entre ser-real e não-ser, ser-interno e ser-externo, ter-um-lugar e ser sem-lugar. Como o ícone nas religiões, o objeto transicional é e não é o que o define. Quando o bebê aceita a chupeta como substituto da mãe ausente está inaugurada a possibilidade de simbolizar a ausência, de suportar a falta de modo criativo, de sair do narcisismo primário que não conhece as faltas, o vazio, o outro. Com a aceitação do objeto transicional (uma espécie de transição entre o bebê e a mãe) está inaugurada a capacidade de sonhar e gerar utopia. Utopia é o sem-lugar (*u-topos*) mais enraizado do mundo. É o irreal e ainda não acontecido mais real que qualquer outra realidade. Esta capacidade foi semeada nos primeiros meses de vida, ocasião em que o bebê tinha a ilusão de que ele mesmo havia criado o mundo que – de modo tão gratuito – lhe era oferecido. Está aqui semeada a idéia de Deus.

O objeto transicional (ursinho, chupeta, cobertor de estimulação) abre para a realidade do mundo interno, para a realidade do invisível. Este objeto não é a mãe mas pode ser a mãe se houver condições internas propícias. E ainda, abre as portas para os conceitos abstratos e para a transcendência. É a prova de que o ser humano é capaz de sonhar e de compreender o conceito de esperança, precursor da fé. Ao apegar-se à chupeta para suportar a ausência da mãe ou para esperar o alimento que está para chegar, o bebê está formando as bases para a captação de realidades que não são concretas. Pelo menos ainda não concretas. O que certamente é a base da utopia, *o ainda não* que é mais *já* que qualquer outro.

Tudo se iniciou com a mãe devotada ao bebê que, tendo cuidado com zelo e atenção o faz esperar pela manutenção deste cuidado e deste amor. E mais, sentir que merece este cuidado e este amor e passar a sonhar com ele. Posteriormente, no adulto, estas noções falarão igualmente de paciência e confiança, atitudes imprescindíveis para a vivência de um ideal, de um carisma.

Nas crianças e nas personalidades ainda imaturas a idéia de Deus permanece mais próxima daquela do ursinho que acontece, da chupeta que consola. Para elas a transição para o transcendente ainda não é possível. No entanto, estas vivências podem ajudar a constituir as posteriores, onde uma religiosidade

mais madura e engajada se processa. Falar de itinerário, de percurso, de desdobramentos do vivido é falar de religiosidade que se transforma ao longo da vida.¹⁴

2.2. Continuidade de cuidados

O conceito winnicotiano de continuidade cria uma compreensão da mãe mais como um ambiente ou processo favorecedor do amadurecimento do que como um objeto, um tu. Assim dá-se esperança de sucesso àqueles que trabalham em orfanatos, creches, obras sociais em geral, por supor que um cuidado contínuo e atento pode restaurar falhas no cuidado inicial.

No entanto, Winnicott não chega a ser um sonhador por afirmar que certas privações (*deprivation*) causam danos irreparáveis no caráter da criança em formação.¹⁵ A palavra, embora não exista em português, vem sendo usada em trabalhos técnicos para diferenciar de privação. Na privação, a criança ou jovem possuía um objeto de amor (pai, mãe ou outro) e o perdeu abruptamente, interrompendo a continuidade do cuidar o que geraria conseqüências psicológicas mais graves do que aquelas crianças que nunca tiveram algo ou alguém em quem confiar ou depositar seu amor. Estas vivências de perda e descontinuidade são a raiz dos comportamentos anti-sociais que sinalizam o grito de alguém que não pode ser ouvido por pessoas de sua proximidade e tem que apelar para as instâncias sociais e institucionais. Mentir e roubar também falam de faltas a serem repostas pelo ambiente.

Winnicott acredita em cuidados substitutos mas não fala em cura dos males e traumas psíquicos. Refere-se sempre a um cuidar permanente das próprias feridas e das feridas dos outros. Os males psíquicos se assemelhariam a doenças crônicas que podem ser controladas e que, no entanto, apresentam momentos de fragilidade que demandam uma atenção mais específica. Estas doenças se incorporam à pessoa constituindo o que chamamos de caráter. Não se trata aqui do sentido moral da palavra caráter e sim de um conjunto de atitudes, valores e comportamentos que dizem algo da pessoa que os apresenta. Envolvem escolhas de vida e mesmo modos ainda inconscientes de manifestar suas motivações e seus pedidos de continuidade.

2.3. Conceito de *concerning*

Aqui novamente a palavra em português não abarca todo o sentido que o autor dá ao ato e à atitude de se preocupar ge-

¹⁴ Edenio Valle utiliza o conceito de itinerário para compreender as elaborações muito pessoais de cada pessoa que vive uma experiência religiosa. Cf. E. VALLE, *Ilusão e desejo: chaves para compreender o dilema ateísmo-devoção*. In PAIVA, G. – ZANGARI, W. (Eds.), *A representação na religião*. Perspectivas psicológicas. São Paulo, Loyola, 2004, pp. 277-298.

¹⁵ Cf. D. W. WINNICOTT, *Explorações psicanalíticas*. Porto Alegre, Artmed, 1994, p. 440; veja-se também E. O. DIAS, *A Teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott*, op. cit., p. 268.

nuinamente com o outro, com suas dores e suas faltas. Preocupar-se com o outro é algo próprio do humano, porém nem sempre vivenciado por algumas pessoas que, por não terem ultrapassado a barreira do narcisismo, desenvolveram modos sádicos de atuar, maltratando o próximo, o tu com quem convivem. Ou então se apresentando indiferentes ao sofrer do outro, não sabendo ou podendo sentir empatia. Estas tendências teriam sido acionadas nos primeiros estágios da vida em função de descon continuidades no cuidado fornecido pelo ambiente materno, que não teria sido suficientemente bom.

Aquelas pessoas que receberam formação humana e aconchego na medida certa, atingem este estágio e podem então estar preocupados com as questões de outras pessoas a quem prestam ajuda em momentos de desolação e/ou na vida cotidiana em atividades pedagógicas, serviços médicos, informações etc. Para estes há uma compreensão das necessidades afetivas dos outros e isto se obtém com a integração do ódio e do amor.¹⁶ Esta etapa teria sido atingida quando a criança, ao sentir raiva da mãe, pôde expressá-la, ser perdoada e sentir remorsos pelos danos causados. Para que isto ocorra, a mãe ou o ambiente que cuida da criança deve *sobreviver* a seus ataques de raiva no sentido de não retaliar, não retirar o afeto e tampouco castigar de modo excessivo. Estas conseqüências poderiam lesar a capacidade de perceber genuinamente os danos causados, sentir remorsos e pedir perdão.

¹⁶ F. Lotufo elabora em seu artigo conceitos de uma religiosidade madura que necessariamente inclui a integração de opostos. Utiliza autores como Malony e Pruyser, fundamentais para quem deseja aprofundar o assunto. Cf. F. LATUFO, *Religião e psiquiatria*. In ANSPACH, S. (Ed.), *A religião e a psique*. Belo Horizonte, Mulheres emergentes, 2005, pp. 95-101.

2.4. Acreditar em...

¹⁷ Para uma pesquisa mais profunda sobre as posições de Winnicott sobre crença e capacidade de acreditar é útil consultar o livro de E. Dias.

¹⁸ Em 1927, quando escreveu *O futuro de uma ilusão*, Freud afirmava que a crença é uma ilusão por ser acionada pelo desejo, que não comporta compromisso com a realidade. Já Winnicott vê a ilusão como acesso privilegiado ao real, à compreensão do mundo. Cf. S. FREUD, *O futuro de uma ilusão*. Rio de Janeiro, Imago, [1927] 1987, Edição Standard, vol. 21, pp. 15-71.

¹⁹ Cf. E. O. DIAS, *A Teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott*, op. cit., p. 215.

*Confiar e acreditar em*¹⁷ talvez sejam as primeiras ações do bebê humano. Ele nada sabe, nada é e para continuar vivo depende de quem dele cuida. Quando tudo dá certo e o bebê é bem cuidado, ele vive uma experiência real de ter sido satisfeito em suas necessidades básicas. Este estado de bem estar não se assemelha em nada a uma ilusão no sentido dado por Freud¹⁸ e sim é fruto de uma experiência concreta que envolve outro ser ainda desconhecido do bebê, a mãe. Neste sentido é a ilusão propiciada pela fusão com a mãe que abre ao pequeno ser a realidade do mundo e de si mesmo, enquanto sujeito no mundo e com os outros.

Acreditar, confiar, crer em (*to believe in*) tem como matéria prima, na visão de Winnicott, nada menos que a ilusão. Diretamente ligado ao confiar, Winnicott elenca o termo *reliability*¹⁹ que significa *poder contar com*. Este termo tem como raiz o verbo *to lie* que significa *repousar, deitar, relaxar sem temor* e é a base para a capacidade de orar.

3. AS ETAPAS DO AMADURECIMENTO

Winnicott não elaborou de modo muito organizado estas etapas mas o trabalho vem sendo realizado por pesquisadores de sua obra.²⁰

3.1. Dependência total com adaptação total da mãe

Como somos seres de relação fica claro que a etapa de dependência total para ser superada tem que contar com um ambiente – mãe e tudo o mais – que se adapte totalmente às necessidades do bebê. Assim ele terá confiança total no mundo que o recebe de braços abertos, com carinho e aconchego. Nesta etapa se estabelece a ilusão de que foi o bebê quem criou o mundo que dele cuida, ou melhor, para o bebê ainda não existe mundo pois ele está fundido à mãe que lhe fornece tudo o que precisa para manter-se vivo. Diz-se que a criança nesta etapa vive a ilusão de onipotência, o que nos permite hipotetizar que as bases da representação de Deus se fundariam neste momento fusional, em que as faltas não existem e a vida se dá de modo contínuo e bom.

Nem é preciso dizer que o termo ilusão nada tem a ver com algo como fantasia ou mentira. Trata-se de algo real e concreto: o mundo é bom e fornece à criança o que tem de melhor, ou seja, cuidado, carinho, aconchego. A parte do *self* que é corporal se organiza neste período com o alojamento da psique no corpo, a partir do colo materno que o envolve.²¹

Constitui-se neste período o *self primário*, base para as etapas seguintes do amadurecimento.

O Sistema Nervoso Reptiliano capta o mundo e o organiza em modo de vivência e memória corpórea. Há uma identificação primária com a mãe que não aparece como alguém separado mas como um *dois em um*. O bebê é a mãe e a mãe é o bebê que ainda não reconhece a possibilidade de outro ser que cuida de suas necessidades e, em última instância, de sua sobrevivência. O mundo é vivenciado como se tivesse sido criado por ele. As bases da criatividade humana se estabelecem neste período, que dura mais ou menos até os oito meses, ocasião em que iniciam as relações com os objetos apresentados pela mãe.

As tarefas do pequeno ser humano podem ser resumidas assim: alojamento da psique no corpo; temporalização e espacialização; constituição do si-mesmo-primário;

Neste período, falhas no ambiente materno geram consequências graves e se supõe que a tendência à esquizofrenia tenha sua gênese aí.

²⁰ Elsa Oliveira Dias faz descrições detalhadas que serviram de base para a aplicação que faço para a Psicologia da Religião.

²¹ Cf. D. W. WINNICOTT, *Natureza humana*. Rio de Janeiro, Imago, 1990. Cabe aqui explicitar o conceito de *holding*, crucial na teoria winnicottiana. Significa não apenas o segurar físico de um lactente, mas também a provisão ambiental total anterior ao conceito de *viver com* (grifo do autor). Em outras palavras refere-se à relação espacial em três dimensões com o fator tempo gradualmente adicionado. O colo ou *holding* leva em conta a sensibilidade cutânea do bebê, tato, temperatura, sensibilidade auditiva, visual, sensibilidade à queda e à falta de consciência do bebê sobre qualquer outra coisa que não seja ele mesmo. Cf. E. MASSIH, *O agir terapêutico*, op. cit.

3.2. Dependência Relativa com adaptação relativa da mãe

O ser humano aspira por continuidade e segurança e o pequeno bebê espera que os cuidados fornecidos permaneçam. Mas a vida vai tomando seu curso e, felizmente, a mãe deve retomar suas atividades que foram provisoriamente interrompidas para o cuidado ao recém nascido. Assim passariam a ocorrer as *falhas* maternas: o leite não chega tão rápido, outras pessoas comecem a cuidar do bebê, o próprio bebê começa a ampliar seu aparato neurológico e perceber o mundo. A mãe tem agora como tarefa apresentar o mundo ao bebê e deve fazê-lo de modo sutil porém convincente. As refeições devem ter horário e novos alimentos serão oferecidos à criança.

Para que a criança suporte a espera do alimento e as *falhas* do ambiente ela passa a utilizar-se de objetos substitutos,²² chupeta, cobertores, brinquedos, sugar o próprio dedo, brincar com as mãos e pés, emitir sons guturais. Ela está aprendendo a simbolizar, que corresponde a esperar, a ter noção de tempo, a conceituar partes de seu corpo e integrá-las numa unidade, a sentir-se bem e conectado. Estes objetos substitutos, ou objetos transicionais, consolam o bebê da separação e são o substrato do cuidar humano que sabe consolar em momentos de desolação.

A criança depende um pouco menos da mãe e a mãe está um pouco menos adaptada ao bebê. Inicia-se a preparação para o desmame e ocorre o processo de des-ilusão, pois ela deixa de ser o centro do mundo e passa a se ver num mundo real e compartilhado por outras pessoas e objetos circunstantes. O senso de real vai se alicerçando e as funções intelectuais se estabelecem (sistema nervoso cortical). A criança pode possuir seu primeiro objeto, já percebe a chupeta ou outro brinquedo como seus e, portanto, já sabe que pode perder estes objetos e que outro alguém pode tomá-los. O outro passa a ser uma realidade com a qual tem que se haver no dia a dia. Pode-se amar ou odiar o outro. Pode-se receber afeto ou maus tratos dos outros. Estabelece-se o contato com o diferente.

Mas o principal é que os objetos do mundo passam a ter um significado e o ursinho com o qual brinca é diferente de outro urso qualquer; os objetos passam a ter qualidade e identidade, a criança desenvolve o senso de posse e cuidado. Desenvolve também vínculo com este objeto preferencial podendo amá-lo ou odiá-lo conforme seu humor e suas necessidades do momento. Este objeto é alvo de suas projeções e o ajuda a descarregar seus afetos. Este objeto inaugura a transição entre o mundo real externo e o mundo real interno. Posteriormente será substituído, mas jamais esquecido, por outros objetos sejam eles concretos (novos brinquedos, instrumentos musicais, livros etc.) ou abs-

²² Safra e Paiva referem-se aos ícones das religiões como metáforas de experiências fundantes, de modo semelhante aos objetos que se tornam *sagrados* para os bebês e que, com frequência, se mantêm na vida adulta como memória ou ainda, deslocados para vivências religiosas que trazem consolo. Cf. G. SAFRA, Sacralidade e fenômenos transicionais. In MASSIMI, M. – MAHFOUD, M. (Eds.), *Diante do mistério*, op. cit., pp. 173-182; G. J. PAIVA, Religião, Literatura e Psicologia: o conhecimento pela metáfora. In MASSIMI, M. – MAFOUD, M. (Eds.), *Diante do Mistério*, op. cit., pp. 35-46, esp. p. 37.

tratos (hobbies, preferências musicais, orações, vida cultural, ideais, representações mentais de Deus).

O objeto transicional facilita e enriquece o viver, em si carregado pelas faltas e sujeito às descontinuidades naturais como perda de pais, mudanças de residência, passagens de idade ou de etapas formativas (de postulante para noviciado, por exemplo) e tantas outras ao longo da vida. O objeto transicional pode ser uma representação mental como Deus que, em nossa cultura, tem um lugar muito especial.²³

Várias modalidades de criação se dão a partir daí: criação do mundo interno, criação do sentido do externo, criação do real pois que várias experiências reais para o indivíduo não serão necessariamente reais para os outros. Neste lugar estão as experiências religiosas que podem ser comunicadas ou compartilhadas, compreendidas e aceitas mesmo que não vivenciadas de modo similar por outras pessoas. Neste período estão as raízes das experiências pessoais carregadas de emoção e envolvimento, das experiências lúdicas, dos jogos, dos rituais pessoais e da liturgia enquanto possibilidade de simbolizar as experiências religiosas compartilhadas por um grupo.

A alma e a fantasia têm sua gênese neste período. A utopia, semeada no período anterior agora toma corpo e afeto. Inicia-se aqui o desejo pelo melhor, pelo estético, pelo harmônico. Falhas graves neste período lesam a capacidade de sonhar e ter esperança.

Este estágio dura até mais ou menos os doze meses e permanece ao longo do desenvolvimento até a morte, possibilidade última que pode ser carregada de sentido para quem tem fé.

Este período não é feito só de alegrias. A criança tem que iniciar aqui o que chamamos de destruição do objeto interno, algo assim como destruir a mãe que ela imagina fazer parte dela para poder entrar em contato com sua mãe real habitante do mundo externo e compartilhado. Com esta primeira experiência de destruir um objeto (ou tu) que é interno ele semeia a capacidade de respeitar o outro como um ser separado de si, com necessidades e desejos diferentes dos seus.

Esta etapa que inaugura a existência separada da mãe é também o começo do respeito ao outro, do cuidado ao outro, quem sabe a gênese da ética. Ética que será solidificada em etapas posteriores do amadurecimento.

Falhas graves nesta etapa podem estar na origem dos distúrbios de persecutoriedade presentes em adultos que sempre vêem o outro como ameaça para seus projetos e realizações. Outra consequência grave de falhas neste período são as condutas de abuso sexual e moral, já que o outro não é visto como outro mas

²³ Ana Maria Rizzuto fala desta representação que, uma vez formada, tem todas as características psíquicas de uma pessoa viva. Cf. A. M. RIZZUTO, *The Birth of the Living God: A Psychoanalytic Study*. Chicago, University of Chicago Press, [1979]1981, pp. 177-179. Veja-se também em M. I. AUBERT, *A religiosidade humana: Velamento e desvelamento. Uma visão a partir da clínica winnicottiana*. Tese de doutoramento/PUC-SP, 2002, p. 65. O livro da Rizzuto já está traduzido para o Português: A. M. RIZZUTO, *O nascimento do Deus vivo*. São Leopoldo, Sinodal, 2006.

como *parte* que pode ser consumida em função das necessidades de quem abusa.

3.3. Rumo a independência

A criança nesta etapa já conhece a palavra eu e pode dizer: eu sou fulano e aquele é meu irmão ou amiguinho. A linguagem se desenvolve em consonância com a percepção da realidade do mundo externo e das pessoas que nele habitam. É a época em que os pais lhe dizem, quando alguém próximo morre, que a pessoa foi morar no céu e que está junto de Deus e dos anjos. O invisível torna-se, de fato, real. Mas a criança precisa representar o invisível de modo figurativo. A imagem de Deus aparece como masculina no modo de um velhinho de barbas brancas. Deus e Papai Noel se assemelham e um primitivo senso moral sedimenta-se neste período.²⁴

²⁴ Gordon Allport também nos fala da religiosidade imatura cujas raízes se encontram na primeira infância. Trata-se de construções ego centradas nas quais se adota uma divindade que auxilia os interesses imediatos do indivíduo, como um Papai Noel ou um pai excessivamente benevolente. Cf. E. MASSIH, *O agir terapêutico*, 2000 p. 128.

A criança já terá então cerca de dois anos e meio e começa a sentir concernimento genuíno ou preocupação com o outro. Já sabe e vivencia que pode ser má e causar danos, machucar seu coleguinha de creche ou mesmo o pai e a mãe. Já sabe que a raiva vem de dentro dela e não de um invasor que a derrota. Sabe também que a mãe amorosa dos momentos tranqüilos é a mesma mãe dos momentos de dar limites, castigar e ensinar as atividades de vida diária (higiene, alimentação, comportamento social). Não é conveniente ensinar moral para as crianças neste momento e sim ajudá-las a sentir que podem machucar ou magoar os outros.²⁵

²⁵ Em palestra proferida para catequistas em 1963, Winnicott explicita que o educador moral só terá êxito se a criança tiver atingido um estágio em que possa vivenciar Deus como uma projeção de sua própria bondade e de sua própria experiência. Cf. D. W. WINNICOTT, *Ambiente e processos de maturação*. Porto Alegre, Artmed, 1990.

3.4. Independência sempre relativa ou interdependência

Somos seres de interdependência e quanto mais evoluímos mais dependemos do parecer dos outros para nos configurar como seres do mundo, como cidadãos e/ou pessoas necessitadas de afeto, carinho e atenção permanentes.

Nesta etapa o número 2 (eu e o outro) se amplia e a criança toma consciência de que há um terceiro que interdita suas ligações com a mãe (trata-se da presença ou imagem do pai) e com o mundo (neste caso as leis, os regulamentos da escolinha, as regras dos jogos, do pode/não pode).

A presença do pai como limitador dos impulsos e da instintividade passa a ser fator de importância crucial na constituição do caráter deste ser humano que cresce. Definitivamente a criança aqui não deve mais ser o centro do mundo e sim ver-se como a terceira pessoa na relação entre seu pai e sua mãe.

Podemos já iniciar a compreensão das dificuldades inerentes ao criar filhos sem pai e a importância de figuras substitutas

no intuito de minimizar estas falhas de modo criativo e organizado pelas instituições. Neste lugar se insere a *imago* do padre como substituto simbólico da figura parental, representante das leis e interdições, evitando possíveis falhas na constituição do caráter da criança em formação.

Outra observação importante neste período é a de que a mãe ou outros do ambiente devem sobreviver a seus ataques de ira (ou birra) confirmando que a criança não é todo poderosa e tampouco invencível ou ainda, destruidora. A criança perceberá que seus ataques não destroem a mãe ou o mundo ao redor e assim poderá ver-se como alguém amoroso. No modo de espelho, desejará projetar esta bondade no mundo. Se tudo correr bem ela não terá sentimentos de culpa excessivos e sim, um remorso autêntico quando de fato ferir alguém. Segundo Lotufo²⁶ a religião, em si potencializadora da saúde, poderia gerar quadros de culpa obsessiva quando as primeiras experiências de aceitação de si mesmo foram mal elaboradas.

A criança resolve aqui sua relação com o pai, que retornará sob nova roupagem no período da adolescência. Nesta fase a ética, que será incrementada ao longo da vida, se solidifica: respeitar o próximo, respeitar qualquer outro ser humano mesmo que não seja tão próximo, cuidar da natureza e das relações justas entre o humano e o mundo, cuidar de cada humano como quem bem cuida de si próprio. Até parece utopia!

E de fato é esta a gênese da crença num mundo melhor em que o futuro e o ainda-não acontecido são tão reais quanto o agora com suas dificuldades. Transcendência é algo que passa por todos estes conceitos pois transcender é acessar um real intangível aos olhos e perfeitamente tangível aos sentidos aguçados de quem tem fé.

O que precisamos deixar claro é que somente a partir das raízes experienciais se constrói níveis avançados de transcendência. AmatuZZi nos convida a *beber nas fontes* da experiência primeira pois esta, associada ao contexto sócio-cultural facilitará a constituição de uma religiosidade ética e holística.²⁷

3.5. Articulação dos estágios de amadurecimento

O bebê humano, ao nascer, tem todo o seu aparato neurológico potencialmente aberto ao desenvolvimento e é no contato com as experiências internas (com o próprio corpo) e externas (com os outros e o mundo) que a evolução vai acontecendo. Poderíamos dizer que ele caminha da consciência e captação do número 1 até a captação do número 3 num curto período de tempo e que este conhecimento vai se aprofundando ao longo da vida.²⁸

²⁶ F. Lotufo apresenta os dois lados da questão: o da religiosidade que cura e integra e o daquela religiosidade que gera neuroses obsessivas pela vinculação com crenças do tipo punitivas que reprimem e reprimem a expressão da raiva. Cf. F. LOTUFO, *Religião e psiquiatria*. In ANSPACH, S. (Ed.), *A religião e a psique*, op. cit., pp. 95-102. Para quem deseja aprofundar estas idéias é importante ler Freud em *Totem e Tabu* (1913-1914) e *Moisés e o Monoteísmo* (1939).

²⁷ AmatuZZi fala de encontro integral com a experiência e nos introduz ao conceito de diálogo inter-religioso, o que me fez refletir sobre sectarismos que impedem o irromper de uma verdadeira espiritualidade. Cf. M. AMATUZZI, *O desenvolvimento da representação na religião*. In PAIVA, G. – ZANGARI, W. (Eds.), *A representação na religião*, op. cit., pp. 89-103.

²⁸ Elsa O. Dias, nos capítulos III e IV de sua obra, faz descrições detalhadas dos estágios e das tarefas envolvidas em cada estágio que são imprescindíveis para quem quiser conhecer a teoria winnicottiana. Cf. E. O. DIAS. *A Teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott*, op. cit.

Assim, quando ele depende totalmente da mãe/ambiente e nem sabe que depende, dizemos que ele só conhece o número 1 e que este número 1 nem a ele próprio se refere, por não ter seu sistema nervoso cortical preparado para esta compreensão.

Quando caminha para a conceituação do número 2 pode-se então dizer que inicia a percepção da influência do ambiente. O que o mobiliza são as respostas que seu incipiente psicossoma dá aos estímulos que chegam.

Existe algo que não é o bebê e que interfere em seu viver; seu sistema nervoso límbico se expande a cada dia armazenando e fazendo memória das experiências. Algumas delas são prazerosas e deixam uma aura de bem estar. Quando bem vividas e integradas, se tornarão sementes para experiências religiosas saudáveis. Quando associadas indevidamente à culpa ou ao não-acolhimento por parte do ambiente que cuida da criança, poderão se ligar a vivências religiosas recheadas de comportamentos auto-punitivos e persecutoriedade.²⁹

Nestas situações o outro, o número 2, é autor de perseguições e maus tratos, o que rasura suas possibilidades de comunicação saudável. Porém, quando o outro, o número 2, é amoroso, então o mundo se revela como uma morada possível e a esperança de que isto tudo permaneça se instaura.

Mas é preciso algo mais pois o ser humano, por sua natureza própria, necessita de ordem e limites. É aí que começa a captação do número 3, pois já não é mais o bebê e suas necessidades – satisfeitas ou não – por um outro. Agora a presença do pai, da lei que o coloca em confronto com seus limites, finalmente lhe mostra as faltas e o coloca num incipiente confronto com o desejo. O desejo mostra-lhe o caminho e lhe pede esforços; o desejo o motiva a ser e a buscar seu objeto. O desejo abre para a clareira da falta que, paradoxalmente, foi semeada pelo incipiente desejo. Desejo e Falta que, nos limites do material, o levam à possibilidade da transcendência. Com a concepção do número 3 concretiza-se a abertura do ser para a espiritualidade.

As primitivas vivências de totalidade, plantadas no período ilusional, agora vão se consolidando pelo desejo que busca um objeto que transforme o ser carente em ser provido de sentido e consolo. Este objeto desejado transforma o viver e, igualmente, se transforma ao longo da vida, a partir do itinerário de cada um. Evolui de um objeto que serve apenas para fins utilitários e passa a funcionar como provedor de cuidados, sentido, ética. Diz Mario Aletti:

...transformacional não é Deus, mas a representação objetiva e relacional, isto é, aquele movimento impregnado de desejo com o qual o homem se lança na direção a uma realidade pela qual se sente interpelado, convocado por

²⁹ Cf. MEISSNER, W. W. The Pathology of Beliefs and the Pathology of Beliefs. In SHAFRANSKE, E. (Ed.), Religion and Clinical Practice of Psychology. Washington, American Psychological Association, 1996, pp. 562-568; E. MASSIH, Obsessão, culpa e espiritualidade em um religioso com comportamento pedofílico. Rever-Puc/SP, 2006.

*uma avaliação ética e estética que precede a argumentação e a estruturação do juízo e se enraíza em experiências precoces de nível pré-verbal.*³⁰

3.6. A vocação para o cuidar

O desenvolvimento humano se dá de modo cíclico e as etapas referidas se re-editam ao longo da vida nas passagens causadas por mudanças fisiológicas – adolescência, envelhecimento, doenças – mas também naquelas causadas por perdas de entes queridos, perdas econômicas, ritos de passagem e/ou guerras e catástrofes.

Nestas situações as profissões de ajuda necessitam do preparo adequado para fornecer consolo e ferramentas de superação. Mais do que nunca os sacerdotes têm o que fazer no modo de prevenção (associações de acolhimento, formação religiosa etc) e no modo de presença (escolas, hospitais, funerais, acompanhamento a famílias etc). Mais do que nunca é preciso que se encontrem sentidos para o viver permeado de tantas injustiças, dores e doenças geradas pelo progresso. Hoje em dia ter utopia é existir de modo a preservar a humanidade dos exageros da tecnologia, da sede de poder das ciências que tudo podem, do maquiavelismo das ações sociais, dos fanatismos que obliteram a clareira do verdadeiro Deus que nos antecede e se explicita na falta/desejo que sentimos. Nossas metrópoles, nossas zonas rurais, nossos lugares indesejados como as prisões e os manicômios anseiam por um cuidado vindo de *quem*, por chamado e escolha, caminha na contra mão da busca desenfreada de poder e dinheiro, símbolos tanatológicos do mundo pós moderno.

Este *quem* transcendeu os limites da necessidade pessoal e a ampliou para o *todos* na forma de empatia e concernimento. Este *quem* embarcou na utopia, herdeira adulta do brincar da criança. Brincar nascido da ilusão de sentir-se uno e potente quando ainda sequer podia ser denominado *quem*.

CONCLUSÃO

Na medida em que fui aprimorando o conhecimento das pessoas que escolheram a vida religiosa como modo de estar no mundo fui também compreendendo os sentidos da palavra utopia, que me pareciam tão distantes do cotidiano do mundo de hoje. Propositadamente uso a palavra mundo e a palavra hoje. Pois que estas pessoas – paradoxalmente – são [do] mundo e não o são, são do seu tempo e não o são. O que as delimita das demais é certamente a utopia, aquele estado do humano que é sem

³⁰ Cf. M. ALETTI, A representação de Deus como objeto transicional ilusório: Perspectivas e problema de um novo modelo. In PAIVA G. – ZANGARI, W. (Eds.), *A representação na religião*, op. cit., p. 32; veja-se também, J. E. VALLE, *Religião e espiritualidade: um olhar psicológico*. In AMATUZZI, M., (Ed.), *Psicologia e Espiritualidade*. São Paulo, Paulus, 2005, pp. 83-107. Aqui J. Edênio nos dá uma visão abrangente e detalhada deste termo frequentemente usado e abusado na mídia.

lugar e – igualmente – habita o mundo mobiliando-o com sentido e significado mas também com a esperança no Reino de Deus.

Estas pessoas comprometidas até mesmo com os absurdos da instituição parecem acomodar-se, mas de fato resistem exercendo presença como instituintes. São pessoas que surpreendem também quando não se abalam diante de uma mídia tendenciosa que defende interesses comerciais.

Assistindo a um filme indicado para o *Oscar 2006* (Capote), fui surpreendida por uma cena em si trágica que me reportou a *imago* do padre na vida contemporânea.

O filme se passa em inícios da década de 60 e a cena final mostra um grupo de homens representantes de variadas esferas da sociedade presenciando a execução de um assassino por enforcamento. Entre eles – em posição de destaque diante do condenado – o personagem do padre realiza uma oração que deveria expressar a desolação do condenado em variados sentidos: por ter matado quatro pessoas de uma mesma família, por ter agido comandado por seu parceiro que era frio e perigoso, pela insensatez da pena de morte como forma de perpetuar a violência e, sobretudo, por sua impotência na iminência da morte. No entanto, a expressão do padre era gélida e o mesmo parecia cumprir um ritual burocrático. Seja por descuido ou intenção, o diretor passou uma imagem de frieza e ausência de envolvimento ideológico. A cena me fez lembrar de outro padre a quem acompanho como terapeuta e cuja principal dificuldade é exatamente outra: ele se emociona em casamentos, batizados, missas e funerais. Ele sofre por ser um homem comum entre outros homens comuns.

Como dosar a necessária frieza e discernimento para realizar os procedimentos e rituais com a igualmente necessária empatia e envolvimento com as alegrias e sofrimentos do fiel que carece dos serviços religiosos? Do sacerdote se exige o amadurecimento e concernimento próprios de quem pôde elaborar seus próprios conflitos no intuito de transcendê-los e transformar emoções em experiências consistentes e coloridas de afeto e humanidade.

Ser padre para que? Cumprir normas burocráticas, exercer tarefas, tocar obras? Precisamos de algo mais, do diferencial que coloca aquele que é escolhido e escolhe num lugar movediço que, paradoxalmente, é confortável. Porque ser padre é ser e viver como o brincar das crianças, que conectam o lúdico ao real e compartilhado com outras crianças, gerando um espaço comum que obedece leis e regras e ainda assim – e até mesmo por isso – cria a cada momento realidades intangíveis.³¹ Desejar e trabalhar para se tornar um sacerdote em pleno e contínuo amadurecimento é ser um Don Quixote que *deu certo*, por ter-se integra-

³¹ Ana Maria Rizzuto relaciona o brincar com o iludir-se a partir da criatividade e do investimento do psiquismo e confirma ser a ilusão religiosa *parte integrante do fato de sermos humanos em nossa capacidade de criar realidades não-visíveis mas significativas, que podem conter nosso potencial de expansão imaginativa para além dos limites sensoriais*. Apud M. ALETTI, A representação de Deus como objeto transicional ilusório: Perspectivas e problema de um novo modelo. In PAIVA G. – ZANGARI, W. (Eds.), *A representação na religião*, op. cit., p. 22-23.

do ao bom senso de Sancho Pança, por ser um visionário que acolhe o sensato e o prático.

Mas que persiste apaixonado por uma Dulcinea de Tobaça distante e quase inatingível mas sobretudo real e fértil de sentido. Este homem amadureceu e permanece amadurecendo a partir da ilusão inicial de onipotência e a caminho da utopia de um mundo melhor.